

## Famílias dos raptados a «O Jornal»

# «Andar nas mãos deles é coisa ruim com certeza»

José António Antunes, 27 anos, sua mulher, Maria de Fátima Matos Diogo Antunes e o filho do casal, Mário Bruno, de cinco anos, três dos portugueses raptados em Moçambique, tencionavam gozar um mês de férias, na África do Sul, a partir do próximo dia 18.

«O Jornal» contactou telefonicamente no Sardoal, o pai da Maria de Fátima, Manuel Marques Diogo, de 49 anos, dono de uma oficina de motorizadas que, visivelmente preocupado, nos disse não saber mais nada do que «aquilo que tem vindo publicado nos jornais».

José António e Maria de Fátima conheceram-se ainda miúdos, enquanto estudavam e casaram há seis anos. Entretanto, vieram residir para Lisboa, onde o José António trabalhava nos escritórios da Datsun, no Entreposto. Há pouco mais de um ano, «e muito incitado pela mulher», aceitou concorrer a um lugar na Companhia Moçambique-Zimbabwe que assegura a manutenção e funcionamento do oleoduto que liga os dois países. Foi o melhor classificado nos testes e partiu para Moçambique, em 18 de Novembro do ano passado, assinando um contrato por dois anos.

«Depois disso escreveram-nos muitas vezes e mandavam sempre dizer que estava tudo bem. Tinham uma boa casa, com jardim, e as dificuldades de alimentação não eram muito grandes» — diz-nos o pai da Maria de Fátima.

Em Agosto, receberam no Sardoal a visita da mãe de Páscoa Ramalho que, segundo chegou a ser anunciado na Imprensa, terá escapado ao rapto, juntamente com um filho de meses.

«Essa senhora veio-nos visitar, a pedido da filha e do meu genro, para nos trazer notícias deles. Disse que estava tudo bem, que ia tudo correndo pelo melhor, embora houvesse algumas dificuldades na alimentação. Ela deixou cá um filho da Páscoa Ramalho para frequentar a escola e até foi baptizado» — esclareceu-nos.

Manuel Marques Diogo tinha recebido carta do genro há quinze dias, onde lhe dizia que iriam passar férias à África do Sul. «Depois soube do que se tinha passado pelos jornais e pela Rádio. A senhora presidente da Câmara entrou em contacto com todas as entidades oficiais, mas não conseguimos saber mais nada».

O pai da Maria de Fátima disse-nos ainda que receia possa ter acontecido o pior à sua filha e neto únicos. «É coisa ruim com certeza se eles andam na mão deles. Não se sabe explicar».

**Orlando Matins:**  
segunda vez  
em Moçambique

Orlando Martins e Maria Amélia Pereira, de Amarante, estavam em Moçambique pela segunda vez. Através da sua delegação no Porto, «O Jornal» contactou a família que vive no lugar de Varejão, freguesia de S. Gonçalo, naquele concelho.

O «Orlando do Cemitério» (como é conhecido pelo facto de o pai ter sido guarda do cemitério de Amarante) embarcou para Moçambique, pela primeira vez, há cerca de trinta anos. Antes fora empregado de balcão da «Casa Moda», e, mais tarde, desempenhou idênticas funções num estabelecimento da firma Alves & C.ª, sempre em Amarante. Era, à altura, um indivíduo muito popular, exímio tocador de guitarra, participando em inúmeras festas e convívios que lhe deram notoriedade e lhe valeram muitas simpatias. Em Moçambique, mudou de profissão e especializou-se como técnico de máquinas.

Antes ainda da independência, Orlando Martins foi para a África do Sul onde trabalhou até 1980, aposentando-se nessa altura. Em 1981, veio passar umas férias a Portugal e esteve em Amarante, onde

vivem a sua sogra e uns cunhados. Pouco antes do último Natal foi com a mulher, Maria Amélia Pereira, também de 62 anos, que sempre o acompanhou, até à ilha da Madeira, com a intenção de gozar ali umas curtas férias. Pensam os familiares que terá sido na Madeira que ele foi contactado para voltar a Moçambique e dali partiu sem ter passado por Amarante. Foi através dos jornais que os seus familiares souberam do rapto.

Não apenas os familiares, mas também outras pessoas que conheceram de perto o Orlando Martins estranharam ao ter conhecimento do que lhe sucedeu. «Foi sempre um grande compincha, um bom amigo, um companheiro ideal para uma farra e nunca se preocupou muito com a política, por isso é de estranhar que o tenham raptado a ele...» — disse a «O Jornal» um seu antigo «companheiro de pião».

Até quarta-feira passada, altura em que estabeleceram contactos com Amarante, os familiares de Orlando Martins nada mais sabiam dele além do que havia sido publicado pelos jornais e do que fora divulgado pelos noticiários da Rádio e da Televisão.

Embora tenhamos desenvolvido todos os esforços nesse sentido, não nos foi possível contactar com os familiares dos raptados. Alcino Ferreira Costa Pinto e Eugénio Dinis Gonçalves Pinto, ambos de Lisboa. Sabemos, contudo, que tanto a empresa para onde trabalham, como o MNE têm estado em contacto permanente com esses familiares para os pôr a par de todas as informações.

C. J. e G. S.